

BALDI, Neila. Como é aprender balé clássico somaticamente? Salvador: UFBA. Universidade Federal da Bahia; Mestrado; Betti Gleber. Professora da Licenciatura em Dança da Uesb.

### RESUMO

Este artigo traz algumas conclusões da pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) sobre balé clássico e educação somática. O estudo foi realizado com alunos da Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), tendo como suporte metodológico a cartografia e a pesquisa somática. Foram instrumentos de análise: questionários sobre dança, corpo e balé (no início e no fim da pesquisa), diários dos estudantes, filmagens e fotografias, reflexões e relatórios comparativos entre as aulas de balé dentro e fora da Universidade. Os resultados iniciais indicam mudança na percepção das aulas de balé clássico. No início, havia uma visão estereotipada – em relação ao tipo de pessoa apta, a uma forma rígida e certa de dançar e a uma postura específica. Ao final, percebeu-se que todos podem aprender a técnica, que há espaço para a criatividade e que o alinhamento é pessoal e construído. Do ponto de vista do processo de aprendizagem, descobriu-se a possibilidade de se conhecer o caminho do movimento e de a técnica, por meio da somática, permitir um processo de autoavaliação. Conclui-se que o aprendizado do balé clássico somático permite a construção do conhecimento no/do/pelo movimento, bem como um autoconhecimento.

**Palavras-chave:** educação somática: bale clássico: pedagogia da dança.

### ABSTRACT

This paper presents some of the conclusions of the research master developed in Program of Graduate Studies in Performing Arts at the Federal University of Bahia (Ufba), about classical ballet and somatic education. The study was conducted with college students majoring in Dance from the State University of Southwest Bahia (Uesb), and the methodological support was cartography and Somatic Research. Were instruments of analysis questionnaires about dance, body and ballet (at the beginning and end of the study), diaries of students, filming and photography, reflections and comparative reports between ballet classes within and outside the University. Initial results indicate shift in perception of lessons in classical ballet. Earlier, there was a stereotypical view - in relation to the type of person fit to, to a certain rigid form of dancing and a specific posture. At the end, it was noticed that everyone can learn the technique, there is space for creativity and the alignment is built and personal. From the point of view of the learning process, it has been found the possibility of knowing the motion path and of the technique, by means of somatic, allow a self-assessment process. In conclusion, realizes that learning of classical somatic ballet allows the construction of knowledge in/of/by movement, as well as a self knowledge.

**Keywords:** somatic education: classical ballet: dance pedagogy.

A presente pesquisa foi desenvolvida no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), no primeiro semestre de

2014, na disciplina Técnica do Corpo II – Dança Clássica. O principal instrumento de análise foram as escritas de minhas alunas – diários, cartas e reflexões - coletadas em 21 encontros. A partir delas, respondo à questão: como é aprender balé somaticamente?

Durante o Mestrado percebi que talvez há 20 anos pesquiso outra maneira de ensinar balé clássico. Em 1994, eu era alfabetizadora e me debatia com uma questão: alfabetizada de um modo e ensinava balé clássico de outro. Eu alfabetizava a partir dos ensinamentos de Jean Piaget (1970) e a formulação do construtivismo, das propostas progressistas de Paulo Freire (1970) e de Emilia Ferreiro (1985). Alfabetizava partindo da letra do seu nome, de palavras significativas, em um processo de construção que passa pelos momentos pré-silábico, silábico, alfabético e ortográfico. Mas ensinava balé clássico, repetindo uma fórmula, de cópia e reprodução, sem construção do movimento para se chegar ao código.

Busquei desde então, outro modo de ensinar esta técnica e, dez anos depois, conhecendo a educação somática, percebi estofo teórico e prático para desenvolver o meu fazer pedagógico.

### **Educação somática como pedagogia**

No início do século passado, a partir, principalmente, segundo Márcia Strazzacappa (2012), de moléstias pessoais, alguns pesquisadores do movimento foram buscar curas para seus problemas e suas descobertas transformaram-se em técnicas como Alexander, Felkenkrais, etc. Nos anos 1970, o filósofo Thomas Hanna (1976) enxergou nestas técnicas elementos em comum e nominou como campo da somática.

De acordo com Hanna (1977), são características da educação somática: a autorregulação, autocorreção, a automelhoria e autoconsciência. A percepção de corpomente, sem separação, é um princípio fundador de todas as técnicas. Além disso, é possível perceber outros:

- **Privilegio à informação que vem do corpo:** os referenciais são o próprio corpo e, neste sentido, o aluno estará atento ao como, ao processo.
- **Descoberta pessoal:** O aluno descobre como se move e como pode se mover, “tornando-se investigador do seu próprio movimento e conquistando uma posição de autonomia” (DOMENICI, 2010, p. 75).
- **Automudança:** A tomada de consciência de si será veículo de mudança em seus processos. “Será esta apropriação que provocará as mudanças no universo em que as ações estão se dando e, por consequência, como uma onda, manifestar-se-á em todos os seus confins” (LIMA, 2010, p. 62).
- **Reconhecimento de padrões:** A auto-observação faz com que o indivíduo possa perceber padrões de comportamento que se repetem e que, por vezes, são limitadores.
- **Corpo saudável:** Muitos teóricos afirmam que um dos pontos em comum nos métodos somáticos é a prevenção/manutenção da saúde,

sobretudo no que diz respeito ao alinhamento musculoesquelético: No entanto, é importante lembrar que o corpo saudável é mais que isso, pois “o alinhamento é o reflexo de que nós somos, o que experimentamos e o que o mundo significa para nós” (GREEN, 2002, p. 117)<sup>i</sup>

- **Mudança de ritmo:** Ao realizar movimentos de forma mais lenta do que habitualmente, é possível “perceber as estruturas musculoesqueléticas implicadas quando executa o movimento” (BOLSANELLO, 2011, p.308).

Atualmente, podem-se apontar cinco fases de desenvolvimento do campo: sua gênese; a disseminação dos métodos, até meados de 1970; o uso nos mais diferentes campos; o desenvolvimento de práticas idiossincráticas e o crescimento de uma comunidade de pesquisa. Segundo Fortin (2002), dos anos 1990 em diante, começou-se a fazer combinações entre diferentes métodos somáticos, o que nos possibilita hoje pensar a educação somática do ponto de vista de pedagogia da dança. Como afirma José Antônio Lima (2010), é possível a uma técnica não-somática, a partir da aplicação de princípios somáticos, “[...] encontrar-se um modo de entendê-la e praticá-la ‘somaticamente’” (LIMA, 2010, p. 62).

### **Balé somaticamente**

Em suas cartas sobre a dança, Jean Jacques Noverre afirma que:

Os passos, o desembaraço, o brilhantismo dos encadeamentos, o aprumo, a firmeza, a velocidade, a leveza, a precisão, as oposições de braços e de pernas, eis o que chamo de o mecanismo da dança; quando todas essas partes não se põem em marcha impulsionadas pelo espírito, quando o engenho deixa de dirigir todos os movimentos, quando o sentimento e a expressão não lhes emprestam as forças capazes de me emocionar e de me interessar, então aplaudo a destreza, admiro o homem-máquina, faço justiça à sua força, à sua agilidade; mas ele não me provoca nenhuma agitação, não me entenece, não me causa mais sensação que um arranjo de palavras como este: vem... do... vergonha... jamais... a... crime... e... cadafalso... do. No entanto essas palavras arranjadas por um grande homem compõem um belo verso do conde d’Esseux; A vergonha vem do crime e jamais do cadafalso (MONTEIRO, 2006, p. 197/198).

As palavras de Noverre fazem-me lembrar de minha alfabetização, de mim alfabetizadora e mim professora. A minha busca era fazer o poema, não deixar as palavras soltas. Como eu faço? Minha proposta metodológica nasceu da união das teorias e práticas de Rudolf Laban e Marie-Madeleine Béziers.

Béziers (1992) diz que a coordenação motora se organiza a partir dos direcionamentos ósseos. Ela entendia o movimento humano a partir do que chama de *corpo vivenciado*. Uso seus ensinamentos a partir do estudo anatômico em movimento. De Laban recorro aos fatores do movimento (fluxo, espaço, peso e tempo), hoje denominados Categoria Expressividade, de modo a trabalhar a expressividade, mas também para chegar às formas do código do balé clássico.

Em minha prática docente, venho aplicando a educação somática como pedagogia, a partir dos princípios elencados anteriormente, seguindo quatro eixos metodológicos:

- **(Re)conhecer:** O aluno é convidado a (re)conhecer sua estrutura anatômica, seu alinhamento postural e seus padrões de movimento. De minhas alunas, este reconhecimento traz falas como:
- **Explorar:** Durante a aula, os estudantes exploram dinâmicas posturais, de modo a perceber seus alinhamentos/desalinhamentos. Também exploram movimentos a partir dos verbos do balé, para que os compreendam cinesteticamente e cheguem, posteriormente, ao código. Do mesmo modo, exploram os fatores do movimento. Outra exploração diz respeito a propor desafios sensoriais motores que ajudem a sair de padrões de movimento. Neste sentido, nas aulas, uso procedimentos como: fazer o movimento de olhos fechados, começar o movimento a partir de um osso ou pelo lado não usual
- **Conceituar:** A partir da vivência do movimento, conceituam, chegando aos códigos estabelecidos na técnica de balé clássico.
- **(Re) significar:** os alunos são convidados a usar os movimentos codificados de formas diferenciadas - – explorando dinâmicas de tempo, peso, espaço ou fluência, por exemplo.

Entre as descobertas de minhas alunas estão a de os princípios somáticos podem ser aplicados em suas práticas docentes, independentemente de que técnicas de dança estejam ensinando. Elas passam, também a se autoperceber e acreditam, a partir do vivenciado, que relacionar, por exemplo, a anatomia ajuda a conceber o movimento. Também acreditam que o modo como vivenciaram o balé clássico facilitou o ensino do mesmo e de que, ao mudar a iniciação de um movimento – por osso ou por fator de movimento – percebem a mudança na intenção do gesto.

## Conclusões

Concluo trazendo, com algumas falas de minhas alunas. Uma delas diz que com a somática no balé clássico é possível criar e experimentar, deixando de ser “marionete”, mas um bailarino autônomo. Sobre isso, Fortin e Long (2005, p.25) dizem que a educação somática ajuda os estudantes a não se conformarem com os corpos dóceis, mas a terem autoridade sobre como se constroem ou se transformam.

Aprender dança – e aqui generalizo o resultado de minha pesquisa, que foi específica para o balé clássico – por meio de procedimentos somáticos permite, ainda, que a pessoa se (re)aproprie de seu corpo, que perceba que ele é fonte de saber

Concluo, por fim, com a fala de duas alunas: “Mesmo sendo uma aula de técnica de dança clássica, há sempre algo a questionar, pensar, avaliar, não apenas reproduzir certas sequências, passos, movimentos codificados, sem a menor noção corporal do que está fazendo”. Em dado momento, ela fala que em outra metodologia, o professor detém o conhecimento e, por meio da educação somática o aluno “adquire, questiona, relaciona com sua vida, seus saberes e chega às suas conclusões”. Enquanto outra afirma que: “percebi o quanto a somática trabalha com uma via de transformação”. Ou seja, ambas

perceberam que há uma construção do conhecimento no/com/pelo corpo em/no/pelo/com movimento.

Concluo acreditando que, depois de 20 anos, não sou mais incoerente. Consigo “alfabetizar” no balé diferente do modo como vivenciei. Acredito que, neste processo, chegamos ao poema de Noverre, construímos frases significativas.

### Referências bibliográficas:

BÉZIERS, Marie-Madeleine. PIRET, Suzzane. **A coordenação motora**: aspecto mecânico da organização psicomotora do homem. São Paulo: Summus Editorial. 3ª Ed. 1992

BOLSANELLO, Debora. A educação somática e os conceitos de descondicionamento gestual, autenticidade somática e tecnologia interna. **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XXIII, nº 36, junho/2011

DOMENICI, Eloisa. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 69-85, maio/ago. 2010.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FORTIN, Sylvie. Living in movement. Development of somatics practices in different cultures. **Journal of Dance Education**. Volume 2, Number 4, p. 128-136, 2002.

FORTIN, Sylvie; LONG, Warwick. Percebendo diferenças no ensino e na aprendizagem de técnicas de dança contemporânea. **Movimento em foco**, Porto Alegre v. 11, n2, p. 9-29, mai-ago 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GREEN, Jill. Somatic knowledge: the body as content and methodology in dance education. **Journal of Dance Education**. Volume 2, Number 4, p. 114-118, 2002.

HANNA, Thomas. The field of somatics. **SOMATICS: Magazine-Journal of the Bodily Arts and Sciences**, Volume I, No. 1, Outono 1976.

\_\_\_\_\_. The somatic healers and the somatic educator. In: **SOMATICS: Magazine-Journal of the Bodily Arts and Sciences**, Volume I, No. 3, Autumn 1977. Disponível em: <<http://somatics.org/library/html-somatichealed.html>>. Acesso em 02 fev..2014.

LIMA, José Antônio. **Educação somática**: diálogos entre educação, saúde e arte no contexto da proposta da Reorganização Postural Dinâmica. Campinas, 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

MONTEIRO, Marianna. **Noverre: cartas sobre a dança**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

PIAGET, JEAN. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

\_\_\_\_\_. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Educação somática e artes cênicas**: princípios e aplicações. Campinas: Papyrus, 2012.



<sup>i</sup> The alignment is a reflection of who we are, what we experience, and what the world means to us.